

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Beco dos Clérigos, 5-A
Correspondentes em Aveiro, Povoia, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

| | | | | |
|---|--------|--|--|---|
| ASSINATURA | | Proprietário-Director e Administrador | Redactor e Editor | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS |
| Avo, série de 50 números | 20\$00 | José Marques Damião | António da Costa Pinto | Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA) |
| Semestre, série de 25 números | 10\$00 | O 'Ecos de Cacia' é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto | O 'Ecos de Cacia' é o mais desenvolvido noticiário de tôdas as terras da sua região. | Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo |
| Estrangeiro, ano 50 números | 50\$00 | | | |
| Corôimas | 30\$00 | | | |

ECOS & NOTÍCIAS

DR. AUGUSTO DE CASTRO

Assumiu no dia 20 a direcção do «Diário de Notícias» o brilhante escritor e jornalista sr. dr. Augusto de Castro, cargo que já exerceu de 1919 a 1924. Escusado será encarecer a nova fase que o «Diário de Notícias» vai tomar com a direcção do ilustre homem de letras, a quem a nossa linda região do Baixo Vouga muito respeita e admira e nele encontra um verdadeiro amigo. Felicitamos o importante diário lisboeta.

A LUZ ELÉCTRICA NA QUINTÃ DO LOUREIRO

Continúa esperçada a povoação da Quintã do Loureiro na tão falada luz eléctrica, para a qual o seu povo já contribuiu com 7.320\$00, continuando em débito 2.340\$00. Quando se inaugurou a luz em Cacia, afirmou-se que a luz para a Quintã iria na ocasião que fosse para Taboeira porque havia conveniência na distribuição. A luz já ilumina Taboeira e a pobre Quintã do Loureiro, a esquecida povoação da freguesia de Cacia, continúa à mercê dos morcêgos... e não sabemos até quando. As entidades competentes lembramos mais uma vez o facto; talvez que assim, ao menos, seja feita luz num melhoramento de iluminação que continúa a manter um povo às escuras e a viver na esperança que se efectue o que lhe fôra prometido. Deus ajude o povo da Quintã!... Ao menos na instalação da luz eléctrica, já que noutros casos de melhoramentos lhe não têm dado a sua divina protecção.

CONDECORAÇÕES

O Governô do generalissimo Franco concedeu o Grande Colar da Ordem Imperial das Flechas Vermelhas ao Presidente da República Portuguesa, e o Colar da Ordem de Izabel a Católica ao sr. dr. Oliveira Salazar, como reconhecimento das constantes provas da sua amizade pela Espanha. Em retribuição, o sr. Presidente da República assinou no dia 19 um decreto que concede ao generalissimo Franco o Grande Colar da Torre e Espada, exclusivamente reservado aos Chefes de Estado com altos feitos militares. O sr. General Carmona assinou igualmente um decreto conferindo ao vice-presidente do Governô e ministro dos Assuntos Exteriores, general Jordana, a Grã-Cruz de Sant'Iago.

O Palácio da Independencia e a acção patriótica da nossa Colónia Portuguesa, no Brasil

Por um decreto-lei, há dias publicado no *Diário do Governô*, o Governô da Nação determinou o adiantamento dos 5 mil contos, para a compra do Palácio da Independencia, incumbindo a Direcção Geral da Fazenda Pública de proceder á sua compra e ás possiveis expropriações de utilidade publica, visto encontrar-se ali quasi um vasadouro público e até bem próximo uma sentina, mandada construir nos tempos em que Portugal «caminhava para traz» com agravante de ser a própria Câmara Municipal de Lisboa que assim o determinasse!!! O decreto-lei em questão dimanada pela pasta das Finanças, teve a ideia feliz de determinar que as obras necessárias ao seu embelezamento—e tantas são—com o intuito patriótico de estar completamente restaurado em 1940. Demasiado se torna encarecer que esta disposição legal venha ao encontro de ideias de todos os nacionalistas duma só fé que se comprazem de ver Portugal engrandecido, e ainda por que não fazia sentido que, estando o Governô empenhado em deslumbrar e realçar o Duplo Centenário, que ficasse para plano secundário, a restauração pura e simples do Palácio da Independencia. A subscrição da metropole, se bem que já conseguisse algumas centenas de contos de reis, estava ainda muito longe de cobrir o quantitativo indispensável para efectuar a compra do Palácio da Independencia. Por tal motivo, e por iniciativa de elementos preponderantes da nossa Colónia no Brasil, veio, no seu nunca desmentido patriotismo completar uma obra generosa e patriótica, propondo-se a subscrever-se com a quantia necessária para comprar o antigo Palácio dos Condes de Almada, onde se forjou a conjura contra a Dinastia Filipina. Só quem não conhece a História no tocante à Dinastia Filipina e dos falsos portugueses de então, é que não deve sentir-se deveras orgulhoso da actual situação politica, acompanhada, está certo, dos «homens bons» que prestam o seu inteiro sacrificio ao bem comum, e ao mesmo tempo, «a bem da Nação»; frase lapidar do

sr. Ministro das Finanças, Dr. Oliveira Salazar em todos os seus actos officiais—e quem sabe se particulares da sua vida privada, como ainda há dias demonstrou no almoço que ofereceu aos seus colegas no dia de mais um aniversario da regencia da sua pasta, nas finanças na casa em que a Assembleia Nacional dotou os presidentes do conselho de moradia do Estado?! Agora que já temos elaborado o programa, e oficialmente aprovado, das Festas do Duplo Centenário, achamos de todo ponto justissimo que o Palácio da Independencia, não fica no olvido—nem outra coisa ousariamos esperar de S. Ex.ª o Presidente do Conselho, braço inqualificavel da nossa acção patriótica na História contemporânea. A nossa modesta pena, mesmo modesta em demasia para focar este problema no seu conjunto, não vem lembrar, nem evidenciar tôda a sua obra financeira e corporativa, mas desejamos, contudo, dizer algo na pequena Imprensa que Ele tanto admira, do seu patriotismo sem canceiras, embora com alguns desgostos, próprios de quem governa os destinos dum país, mas sem desalentos! E' certo que a nossa Colónia Portuguesa no Brasil, que constitue esse bloco admirável de energias sempre vibrantes e sempre prontas na exteriorização no mais puro e nobre amor da Pátria, não vinha a tempo de efectuar a sua acção patriótica, talvez por começar um pouco tarde, para remover os possiveis obstaculos a que obriga a compra do Palácio dos Condes de Almada e outras formalidades legais para completar a pura e simples restauração do Palácio da Independencia, para o próximo ano de 1940. E foi por isso que o Governô da Nação obviou a esse inconveniente, mercê do da sua tenacidade incansavel, sempre posta em destaque em todos os seus actos de homem de acção dentro do espirito procriador do Estado Novo—quasi obra sua—que julgamos ser digno de todos os incômios, pois além de prestar homenagem à nossa Colónia Portuguesa, no Brasil, prestou-lhe o preito significativo e muito honroso, e de relevo excepcional, aos nossos compatriotas de além-mar.

Joaquim Chaves.

ECOS & NOTÍCIAS

COBRANÇA

Avisamos todos os nossos prezados assinantes e anunciantes de que vamos proceder à cobrança de tôdas as assinaturas referentes ao 19.º semestre, algumas já vencidas e outras prestes a isso. Pedimos a todos estes e em especial áqueles cuja cobrança é feita pelo correio, a fineza de satisfazerem o seu débito logo que lhes seja presente o recibo ou o aviso do correio, a fim de nos evitar novas despezas; o que antecipadamente muito agradecemos. Mais avisamos de que em consequência de alguns dos nossos assinantes terem deixado devolver os seus recibos do último semestre 1.ª, 2.ª e 3.ª vez, estes são accrescidos de mais um escudo tôdas as vezes que os mesmos assinantes nos obriguem a fazer a referida cobrança.

UMA FORTUNA

Contam os grandes jornais que a cidade de Atenas acaba de herdar quatro biliões de «dracmas» dum grego chamado Alcibiades Seraphis que há dias morreu no México com 60 anos. Seraphis emigrára para a América com seus pais há mais de cinquenta anos. Começou a sua vida como vendedor de jornais e foi sucessivamente engraxador, moço de cozinha e criado de quarto. Com algumas economias que reuniu comprou uma quinta, onde tempo depois se descobria um importante jazigo de petróleo. Foi a origem da sua fortuna. E tendo morrido sem herdeiros, legou tudo quanto possuía à sua cidade natal.

28 DE MAIO

E' comemorado amanhã em todo o País a gloriosa data de 28 de Maio, que marca a revolução do ressurgimento nacional. Além das sessões de propaganda doutrinária promovidas nas principais cidades, em Lisboa é encerrado o primeiro Congresso da «Mocidade Portuguesa», que ali tem decorrido com grande brilhantismo e entusiasmo entre todos.

INCENDIO A BORDO

A bordo do paquete «Paris» que se encontrava ancorado no Havre, manifestou-se um incendio que destruiu o navio mais rico e belo da frota franceza. O «Paris» desloca 37 mil toneladas, tem 236 metros de comprimento, 26 de largo e 48 mil cavalos de força, sendo considerado o maior navio do Mundo. O incendio parece dever-se a um acto criminoso.

UM CRIME NA NOITE DE NATAL

II

HENRIQUE O DETECTIVE AMADOR

Passaram-se alguns meses... e poucos dias tardaram a desabrochar como um sorriso e encantador da natureza, a Venus de incomparável beleza maravilhosa, fresca, plena de graça e de luz, — A Primavera.

Henrique, filho de um rico lavrador, depois de concluir alguns planos pediu a seu pai para que o autorizasse a permanecer por alguns dias num palheiro onde ficava todo o pessoal agricultor e entre elle, um rapaz de vinte anos, forte e mal encarado, conhecido pelo vulgo, de «FEITICEIRO».

O pai ante tal pedido, meditou um pouco e disse-lhe:

— Meu filho, já pensaste bem no que me pedistes?... isso é perigoso. Um pouco triste, Henrique exclamou:— Seja o que fór meu pai, contudo tenho que cumprir uma missão. Então o pai vendo a persistencia do filho balbucia — Já que tanto me pedes... Vai. Deus seja contigo. E então onde há pouco bailava uma lágrima, brilha agora um sorriso de satisfação, beijando a mão a seu pai saiu em direcção a esse palheiro.

Após três dias Henrique fez-se um grande amigo do «FEITICEIRO». Porém em certa noite calma com as estrelas a brilharem no firmamento dava-nos a verdadeira noção do socêgo, ambiente predominante das noites de Agosto. Perto das 0 Horas o «FEITICEIRO» sentiu-se atacado pelo remorso e safu em direcção ao cemitério.

Henrique que esperava ancioso a resolução do crime, sem que o «FEITICEIRO» o visse, seguiu pela campina revestida de verdura, até que o «FEITICEIRO» saltou o muro do cemitério. Com grandes dificuldades Henrique conseguiu esconder-se detraz dum jazigo onde observou o feiticeiro junto da campa de suas vítimas dizer:— Maria, o remorso atormenta-me a alma, despedaça-me o coração. Foi criminoso, sei bem. Só pelo teu amor... Tinha ciúmes do teu namorado... Perdoa-me.

Na velha Ermida sôa meia-noite. Henrique reconhecera nêle uma convicção sincera, um entusiasmo febril; e antes que o «FEITICEIRO» desse pela sua presença voltou para o palheiro.

O Feiticeiro chegou momentos depois, e Henrique fingindo que dormia continuou a escultá-lo:— Tenho que me pôr em fuga antes que seja descoberto...

Na manhã seguinte, logo que Henrique viu o «FEITICEIRO» disse-lhe:— Bom dia Feiticeiro! Com um olhar fulminante aquelle retribuiu:— Não me chames Feiticeiro... senão...

Deixa-te disso! Se te contasse um sonho que tive esta noite... Comigo? — Sim contigo, disse sorrindo. O Feiticeiro interessado pediu para que lhe contasse o sonho, e Henrique continuou:

— Sonhei que te vi no cemitério junto de uma campa, e depois... muitas flores... momentos após... vi-te a chorar e pedir perdão...

— Basta, Basta, não apunhales mais o meu coração doentio; Mas foi verdade? Pois o meu sonho foi que te devia matar o mais depressa possível.

— Terias coragem para isso? disse Henrique admirando a sua fisionomia. — Tenho sim, tenho até coragem para te comer os figados. Nisto apareceu o encarregado que os mandou trabalhar. Veiu a noite e Henrique fazia que dormia a sono solto. O Feiticeiro depois de verificar de

facto se Henrique dormia, realmente, saiu levando consigo uma pistola. A' mesma hora, e no mesmo sítio, o Feiticeiro lá estava e Henrique no seu pôsto continuava a apreciar a sua loucura. Agora, Feiticeiro, prescrua tristemente o firmamento e tenta disparar a pistola sôbre a sua cabeça. Mas esta encravou-se. Depois disto Henrique voltou de novo ao palheiro. Nessa noite «Feiticeiro» não regressou e nessa noite quando voltou, absorto perguntou a Henrique:

— Então, e qual foi o teu sonho esta noite? Vamos responder

— Já que tanto insistes dir-to-ei, Sonhei que te vi atentares contra a tua vida, mas... a pistola encravou-se. Ante tal resposta o feiticeiro puxou pela pistola para o matar. Leonor que presenciava o caso, prendeu-lhe a mão, evitando que o Feiticeiro fizesse fogo.

Nesse mesmo dia Henrique participou o caso à Polícia, mandando cercar o palheiro às doze horas— Hora do almoço.

Seria aproximadamente doze horas e vinte minutos quando Henrique chamando o Feiticeiro lhe perguntou: Então mudastes de ideia?

— Matar-te-ei se divulgares o meu crime e levando as mãos à algibeira continuou:— Sonhastes mais hoje? — Sim respondeu Henrique, sonhei que te devia prender.

Nisto a Polícia de pistola em punho principiou por invadir a casa. Súbitamente ouviu-se uma voz irritada. Era elle que dizia: Traidor há-de-te sair cara a minha condenação.

Dias depois Henrique fora condecorado pelas autoridades como detective amador. Entre grande aclamação Henrique era levado a casa em triunfo pelo povo e ao ver a gentil moça do lugar que lhe tinha salvo a vida pediu-lhe a sua mão. Ora Leonor que tivera sonhos de amor com elle aceitou alegremente o seu pedido.

Num dia surge a Aurora e os sinos tocam anunciando o casamento dos dois jovens. A' tarde quando as famílias e os convidados assistiam ao jantar, appareceu uma carta que trazia, escrito:

«Amigo Henrique

Desejo-te muitas felicidades, pelo teu casamento. Hoje estou deveras arrependido, o que fizestes não foi um crime foi um dever, porque eu fui um criminoso e um criminoso não merece perdão.

Teu amigo,

Valério (Feiticeiro).»

Hoje Henrique vive alegremente com a sua linda consorte e é pai dum robusto menino que conta um ano de idade.

*** FIM ***

Lisboa, 6-5-939

José da Silva Nunes
«EL X»

Portão de ferro

Em bom estado com o respectivo aro de pedra para entrada de carro.

Vende em boas condições. José Simões Carneiro.

CACIA

Cerejas

Tão lindas, as cerejeiras que a primavera floriu! São as primeiras a dar fruto—mensageiras do calmo estio.

Em vindo maio, dentre o vinho verde gaio das folhinhas recortadas logo á espreita, a cerejeira se enfeitada de cerejas encarnadas.

De manhã cedo, quando o sol, ao despontar, polvilha de ouro o pomar, todo o arvoredo é como enorme açafate de esmeraldinas verduras, que salpicam de escarlata belas cerejas maduras

E' de ramada em ramada a passarada vai chilrando e satitando, e debicando em festiva conscaça, o fruto dos seus engodos, que outro mais doce não há, e o que Deus dá é para todos.

Cerejas, contas vermelhas, brinco de rara beleza, que são dignos das orelhas de uma princeza.

E que formoso colar se formaria com elas, para adornar a garganta das donzelas!

Joiás de fino coral, fulgindo á luz estival nos escriptos verdejantes, vem o rocio matinal encastoar em diamantes.

E quem não sente pelo verão em horas de calma ardente, a tentação de ser ladrão, ao repousar das canseiras num pomar de cerejeiras?

Que as cerejas, só de as ver da rubra cor, luzidia, nos dão âncias de morder a po, pa fresca e macia.

E a quem securas tiver da sede matam desejos, como lábios de mulher matam a sede dos beijos.

Depois, colhidas aos olhos, que rugão para os olhos, que deicia de sabor!

Não tira uma só, ninguém... Atrás duma as outras vêm como as palavras de amor!

Cardoso dos Santos.

Mocidade Portuguesa

A Ala Infante Santo de Aveiro tem os seus filiados distribuidos por 12 Centros de Instrução, nos quais se praticam todas as actividades, desde as de ordem doutrinária e espirital até ás dos exercicios físicos, como desportos, ginstica e instrução pré-militar.

Caracterizada pelo seu uniforme próprio os rapazes, quando revestidos da dignidade da farda, aprumam-se e tornam-se marciais.

Mas, os pobres, zqueles cuja familia não possui os recursos próprios, não podem adquiri-la.

E' dever da Ala de Aveiro recorrer a todos os meios para que a nenhum filido deixe de se satisfazer a maior das suas ambições:— (Ter uma farda).—

O Sub-Delegado Regional, animado do mais veemente desejo de fardar todos os rapazes pobres, filiados na M. P. tem feito circular ás entidades officiais e a particulares pedidos de donativos para constituir um fundo destinado á compra de fardamentos.

Bastantes auxilios se tem já registado e designadamente os das Camaras Municipais de Aveiro com 1.000\$00, Murtoza 300\$00, Estarreja 200\$00, Ílhavo 100\$00; Conde Dias Garcia 1.200\$00, angariado pelo Director do Centro de S. João da Madeira 515\$00, pelos filiados do Centro de Estarreja 300\$00, do Centro da Murtoza 105\$00, de Manuel Maria Mónica 200\$00, anualmente, de diversas firmas comerciais do Porto e Lisboa 452\$00, do fabricante de lanificios da Covilhã, Mário An-

EMIGRANTES

Partiram para o Brasil alguns portugueses em busca da fortuna. Deixaram o seu lar, a sua aldeia, a sua Pátria na mira de lá longe, nas terras que ficam do outro lado do Atlantico, encontrar aquilo que tão ansiosamente procuram. Venderam tudo, separaram-se do que lhes era mais querido, partiram cheios de coragem para trabalhar e esperança no futuro que lhes diz que hão-de voltar contentes por terem alcançado o seu desejo. Foram alegres sim, mas no intimo do seu sêr qualquer coisa de triste prepassou. Na boca bailava-lhes um sorriso, mas o coração, pobre coração, ora se comprimia como que envergonhado por tanto bater, ora se dilatava tanto que parecia não querer partir para essas terras longiquãs, que só sabem dar tristeza e desconforto áqueles que desesperados as procuram. O corpo partiu para o trabalho mas a alma, essa ficou na terra que os viu nascer e onde se bem procurassem encontrar o que vão buscar em terras estranhas.

Ai pobres emigrantes! Quantos dos que partiram não mais voltarão á terra onde ensaiaram os primeiros passos e quantos voltarão ainda mais pobres e já tão cansados que apenas poderão ao vêr terra portuguesa, descobrirem-se e morrerem contentes por ainda chegarem a vêr o seu torrão amado.

Daqueles, que há muito partiram levados pelo esplendor do ouro que diziam abundar nessas Américas sem fim, daqueles que não puderam fugir a essa luz tão viva e tão estonteante que não é mais nem menos do que o fogo, a chama que nos queima e derrubá se por acaso nos aproximamos dela, a cobiça, desses alguns voltaram e hoje, devido á experiencia que os anos lhes trouxeram, choram contristados os companheiros que com elles não regressaram e aquelles que confiados partem agora e que, quem sabe, não mais voltarão.

Recordam com tristeza o muito que sofreram: o derradeiro adeus que á sua aldeia lançaram quando a caminho

tunes pano para fardamento para um filiado e etc.

Embora a totalidade destes donativos seja apreciavel, está ainda muito longe de satisfazer ás necessidades da Ala, que abrange todo o Distrito e que conta grande número de filiados pobres, especialmente no Asilo Escola Distrital, Escola Industrial Fernando Caldeira e Escolas Primárias.

Solicita, então o Sub-Delegado Regional Capitão Firmino da Silva, das entidades a quem dirigiu o seu apêlo o favor de responderem á circular enviando os seus donativos para o Quartel da G. N. R. em Aveiro, certo de que, inspirados pela simpatia que a todos merece esta tão patriótica organização, as suas benemerencias tornarão realizado o que é impossivel sem o auxilio dos bons portugueses.

de Lisboa a viram desaparecer entre montes e arvoredos, o embarque no Cais tão impressionante e comovente, as pessoas que na terra ficaram assenando com os lenços, assenando sempre até que lá muito longe o paquete se perdia de vista, e eles sem saberem porquê, instintivamente correspondendo áquele adeus que tanto os consolava e entristecia.

E quando a última casita da terra que deixaram já se não via, outro sentimento se apossou do seu coração. Antes só tinham sentido a saudade, depois sentiram mais do que isso — a nostalgia.

Nostalgia, porque tão cêlo lhes vieste encher o coração de desespero, porque tão tarde fizeste conhecer o erro da partida a eles que eram portugueses, a eles que a cima de tudo amavam a sua Pátria?

Agora era tudo. Agora iam já a caminho da terra que os seduzia com tão enganosas promessas.

E foi com a alma despedaçada que esses homens que iam para trabalhar, para adquirir fortuna, chegaram á terra que lhes fantasiavam como um lindo palácio de marfim envolta em núvens de ouro.

Como a realidade cruel veiu dissipar os sonhos e fantasias, como as ilusões se desfizeram tão rapidamente quais bolas de sabão ao elevarem-se na atmosféra.

Trabalhando e trabalhando sempre, e cada vez mais, assim viveram durante mêes daqueles que um dia confiados e esperanzados no futuro deixaram o seu torrão natal

A's vezes, á noite, quando cansados ao voltarem da faina diária abriram a gaveta onde costumavam juntar as poucas economias uma lágrima lhes rolava pelas faces. Eram as lágrimas do desengano porque na gaveta o dinheiro era cada vez menos e no coração a tristeza era cada vez maior

E foi assim que um dia pensaram em regressar. Desde então esta idéa começa a absorvê-los, é toda a sua razão de existir.

Regressar, tornar a vêr os campos, as árvores, as fontes por quem eles tinham sofrido tanto ao separar-se tudo isto lhes parecia quiméras e ilusões.

Tempo passou e um dia, dia de felicidade inesquecível, têm um sonho feliz. Vêm surgir envolta em um manto de formosura altiva e nobre como uma princesa a sua terra querida.

Sentem grande alegria, têm medo de acordar de desfazer essa ilusão tão doce que os encanta e arrebatava. Mas, oh! maravilha!, não é um sonho, é a realidade, é Deus quem os ajada, é Deus quem quer, que Portugal, ao chamar-lhes filhos, os guarde tão bem junto de si de maneira a nunca mais se separar deles.

Maria de Lourdes Baptista.

Passeio a S. Jacinto

Organizado pelo Grupo Musical Caciense realizou-se no passado dia 18, (quinta-feira de Ascensão, dia da espiga), um acertado passeio em barco à linda praia de S. Jacinto.

Dia lindo de sol suave, o de quinta-feira passada, a florida primavera exalava perfume e beleza através dos marginais campos do Vouga, apetecia dar um passeio até à mágrfica praia, e lá fomos desta vez acompanhados por quatro filhos. Eram 7,10 quando chegamos ao porto do Outeiro, (ponto de partida), pois que estava marcada para as 6 horas, neste caso já iam tarde, mas não; tivemos sorte, pois só partimos dali eram 9,33, como se vê estivemos de remissa no local 2 horas e 23 minutos. Posto o barco a navegar pelo arrais sr. Manuel Ruivo, da Murtosa; e seu ajudante sr. Casimiro Tavares, de Pardilhó, partimos num verdadeiro convívio familiar, enquanto alguns componentes do referido grupo executavam lindos trechos musicais e as raparigas dançavam até S. Jacinto, onde chegamos às 12,20.

Depois de saborearmos o nosso farnel, assim como todos quantos faziam parte do lindo passeio, visitamos todos os angares do Parque de Aviação, onde assistimos ao vôo de alguns aviões. Em seguida o Grupo Musical Caciense entrou no amplo salão do «Grupo Recreativo e Instrução de S. Jacinto», onde deu um baile para toda a mocidade, não só dali como para todos quantos tiveram a honra de nos acompanhar. Durante este maravilhoso baile ouviram-se muitas calorosas salvas de palmas, em reconhecimento ao nosso Grupo, terminando o baile só pelas 17,25.

A saída de S. Jacinto, fomos acompanhados até ao embarque por quasi todo o povo daquela praia de onde retirámos com as mais gratas recordações às 17,50 envolvidos em exultantes salvas de palmas, vivas e assãos de lenços.

Eram 20 horas quando davamos entrada no Outeiro, (ponto de partida), com uma viagem repleta de felicidades.

AO Grupo Musical Caciense agradecemos o amável convite que nos fez, encorajando-o no novo passeio que tencionava realizar no dia de S. João.

Em LISBOA Diz-se

Que na opinião de alguém, «isto vai ficar belo» com a transformação de Belém e a forma primitiva do Castelo;

—Que lá para os lados do Alto Pina um cidadão apareceu, como pessoa muito fina, a convencer o Abreu;

—Que o Aireu não se deu por «achado», mas quer apresentá-lo ao sr. Zé Malcriado;

—Que se houver reunião destes cavalheiros, decerto que é marcada para a rua dos Bacalhoeiros;

—Que se o António Duarte não puzer entaves, quem preside á reunião é o sr. Joaquim Chaves;

—Que é pena não estar também Mantas Massano para ouvir uma poesia escrita em castelhano;

—Que o nosso «Pele e Osso», com o seu bigodinho, é um verdadeiro colosso;

—Que até o Mestre Serafim lhe acha graça de o ver assim;

—Que o «Grupo Narizes Cór de Cenoura», dá de prêmio uma mobília e uma vassoura;

—Que o Jacinto está «táte-bitat» com a tristeza do João Barata;

—Que até já não bebe nem pe-tisco, talvez algum susto do «Faisca»;

—Que na opinião dos mais cal-

A FESTA

o o

Divino Espírito Santo

A REALIZAR EM CACIA

Nos dias 27, 28 e 29 de Maio

A Comissão das festas, junto de uma pró-Comissão querendo dar mais brilho às mesmas, e de pleno acordo com o «GRUPO MUSICAL CACIENSE», resolveram substituir na noite de 27 (noitada), aquele Grupo pela «BANDA EIXENSE», sendo os restantes festejos o programa já anunciado.

Sendo portanto, as festas da noite de 27 abri-lhantadas pelas bandas de Canelas e Eixo.

A COMISSÃO

Juiz - Manuel Maria Araujo,
Mordomos - Manuel Simões Carrelo,
José Simões Carrelo,
João Simões Ferreira,
João Nunes Araujo,
João Martins Simões,
Manuel Rodrigues Calafate,
José Simões Dias Costa,
José Tavares.

PRÓ-COMISSÃO

Samuel da Costa Santos,
Augusto Luiz Marques Peça.

Carteira Elegante

ANOS

Completa hoje mais uma flor-da primavera a gentil menina Adelina Tavares da Silva, neta muito estremosa do nosso assinan e sr. Joaquim Tavares dos Santos, residente em Lisboa.

—Também amanhã, dia 28, festeja mais um aniversário natalício o nosso estimado amigo e assinante sr. António Carvalho, zeloso empregado do acreditado estabelecimento de sementes Jerónimo Pereira Mendes & C.ª, da capital, a quem muito afectuosamente felicitamos com votos ardentes das maiores felicidades.

—No dia 30 passa o aniversário natalício da sr.ª D. Márcia Ruas Januário, bondosa esposa do nosso amigo sr. Daniel Januário, funcionário da Alfândega de Lisboa e residente em Algés.

—No próximo dia 2 de Junho está em festa o lar do nosso estimado amigo e assinante sr. António Nogueira Pinho, industrial de padaria na capital, pelo aniversário natalício do seu filhinho Carlos.

—Amanhã, 28, está em festa a modesta casa do nosso prezado amigo e assinante sr. Vitorino Esteves das Neves, pela passagem de mais um aniversário natalício de sua bondosa esposa sr.ª D. Maria Esteves da Silva, naturais de Angeja e residentes em Lisboa, onde o primeiro é caixeiro de padaria.

—Também neste dia 28, faz

mos, os homens não se medem aos palmos;

—Que com estes dias de brazeiro, já apetece ir até à Quinta do Pinheiro.

Lince.

anos o nosso estimado conterrâneo e assinante sr. Armando do Carmo Tavares, muito digno chefe do Posto Rádio de Bragança.

—Em 31 também faz anos o nosso assinante e amigo sr. Marcelino da Cruz industrial de panificação no Barreiro e natural de Taboeira.

—No dia 30, completa 9 risonhas primaveras a interessante menina Maria Joaquina Pereira da Silva, filhinha do nosso assinante sr. Tomé Marques da Silva e de sua esposa sr.ª Tereza Pereira da Silva, naturais de Almeira e residentes em Lisboa.

—No passado dia 23 também completou 3 risonhas primaveras o menino João dos Santos Silva, filhinho do sr. Manuel Pereira da Silva e de sua esposa sr.ª Maria Graciana dos Santos Silva, esta que também em 25 passou o seu aniversário natalício.

—Também no próximo dia 3, faz anos o sr. Manuel Pereira da Silva, residente em Lisboa.

Os nossos parabéns a todos os aniversariantes.

DOENTES

Tem experimentado algumas melhoras nos últimos dias o nosso camarada de redacção sr. Anibal Cruz.

ESTADAS

Esteve em Angeja, em rápida visita, o nosso bom amigo e colaborador sr. Ernesto da Silva Baptista, industrial de panificação residente no Monte de Caparica (Almada).

—Cumprimentámos no último domingo na Quinta, onde esteve em visita a seus pais, o nosso prezado assinante e amigo sr. Jo-

Agradecimento

Rosa da Cunha e Costa e filhos: Avelino, Salvador, Jaime, Agostinho, Celeste, Maria, Irmezinda, Anunciação, Rosa e Angelina da Cunha e Costa e mais família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos quantos acompanharam à última morada seu jámais esquecido marido, pai e sogro, José Simões Costa, vem por este meio patentear o seu mais sincero e profundo reconhecimento, não esquecendo todos aqueles que pessoalmente ou por escrito lhes apresentaram sentidas condolências.

Para todos, a sua mais viva e indelével gratidão.

Povo, 15-5-1939.

é Gonçalves Faria, sócio gerente de uma das casas da firma Faria & Irmão de Espinho.

RETIRADAS

Com destino à Grauja, onde são industriais de panificação e proprietários, retiraram-se à dias da sua casa de Cacia depois de aqui estarem 30 dias em veraneio, o nosso prezado amigo e assinante sr. Júlio da Silva Matos e sua dedicada esposa.

NASCIMENTO

Com um feliz parto, deu á luz no último dia 16 em Lisboa uma criança do sexo feminino a sr.ª Judith Ferreira Gonçalves, dedicada esposa do nosso assinante sr. Raúl Ferreira Couto, estimado pintor, na construção Civil daquela cidade e naturais de Angeja.

Aos pais da recém-nascida, as nossas felicitações.

Pelo concelho de Gois

COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DE CÔRTEZ DE ALVÁRES

Reuniu extraordinariamente no dia 14 do corrente esta Comissão. Aberta a sessão, foi lida e aprovada a acta da última sessão. Foi lido o expediente, que constava de um officio da Delegação, tratando de diversos assuntos de interesse local. Outro da C. M. de Pedrogão Grande, um officio da Associação Recreativa Alvareense, convidando esta Direcção ou delegação, a acompanhar aquela Colectividade na excursão projectada para o dia 18 de Junho à Central Eléctrica a Santa Luzia, enviando 4 bilhetes.

Foi lida uma carta do sócio n.º 135, Adelino Alves; outra do sócio n.º 24, António Tomé; e também do sócio n.º 25, João Antão, cujo conteúdo teve o devido andamento.

Pelos colaboradores: Armindo Henriques e João Baudreira, foram prestadas contas referentes ao mês de Abril. O nosso Delegado em Côrtes, sr. Manuel Antunes Januário, que tivemos a satisfação de o abraçar nesta cidade há dias, também entregou Esc. 20\$00, por conta da cobrança de Março. A Direcção mais uma vez constatou a boa vontade de numerosos associados terem pago as suas cotas, com alguns meses de antecedência.

Sendo: n.º 3, Manuel Antunes Tavares; n.º 4, Manuel Marques; n.º 8, Manuel Joaquim Matos; 25, António Simões Costa; 28, António Tomé Júnior; 36, Benjamin Alves; 38, Fernando Henrique Flor; 82, D. Maria dos Prazeres Tavares; 83, D. Maria dos Prazeres Tavares Bandeira; 86, João dos Santos Fonseca; 92, Manuel dos Santos Fonseca Júnior; 94, D. Henriqueta de Almeida, todos estes efectuaram o pagamento até 30 de Junho. N.º 73, Manuel Lopes Folgosa, de Janeiro a Maio.

SÓCIOS AUXILIARES: n.º 12, Tomaz Manuel Pereira; n.º 16, Alberto Ferreira; n.º 20, Francisco d'Assis Moreira Narigão e n.º 22, José Ferreira, estes também efectuaram o pagamento até Junho. O sócio n.º 76, Manuel Antunes Venâncio, pagou até Dezembro.

Para todos a Direcção indereza os seus agradecimentos.

Também diversos associados que deviam cotas do ano de 1938, já pagaram, o que oportunamente se publicará os seus nomes.

Ordenou-se o pagamento das despesas do mês de Abril, e bem assim o pagamento da renda da sede da Delegação; ao sr. Manuel da Silva Raposo, a sua mensalidade de Janeiro a Março, pela limpeza das fontes e outras despesas de administração e expediente.

Foi resolvido mandar-se limpar a nascente da fonte Velha, com a urgencia porque é preciso estar higiénica.

Foi resolvido a Direcção voltar a avistar-se com o sr. Director da Repartição dos Melhoramentos Rurais, instando pela ida dos srs. Engenheiros às Côrtes.

Tratou-se de outros assuntos de interesse colectivo.

Encerrou-se a sessão eram 19 horas.

Lisboa, 16 de Maio de 1939.

Pela Direcção
O Presidente,
Manuel Marques.

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro

Empreza Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA
 TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL
 Agente no Norte do País *Guilherme M. Coelho*
 RUA DA VITORIA, 56 — PORTO
 Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de impressão em cores e preto, massas para rolos e vernizes tipo-litográficos (163)

BICICLETAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS (397)



12 prestações mensais e iguais
 Peça tabelas dos novos preços
 Pneus MICHELIM.

ARMANDO CRESPO
 116, R. do Crucifixo — Telef. 27027 — LISBOA

Pensão Avenida

de — BRUNO DA ROCHA (294)

Explendidos e higiênicos quartos. Armazem de mercearia e cereais por junto e a retalho
 Largo da Estação — AVEIRO — Telef. 128

Casa dos Linhos

Importadora de algodão em rama de tôdas as origens

660, R. Fernandes Tomaz, 664 — PORTO
 Telef. 4021 Casa fundada em 1860 Teleg. Farlea

Linhos nacionais e estrangeiros em tôdas as larguras
Atoalhados em todos os géneros
Bordados da Ilha da Madeira.

Artigos para bordar — Rendas para altares e Albas
 Envia-se amostras para a província e filhas
 Vendas por junto e a retalho (274)

MANUEL BRINCA

MÉDICO ESPECIALISTA

Pelas Faculdades de Medicina de Lisboa e Paris

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162-2.º
 (à Portagem)

Tel. Consultório 1183 Residência 832 Coimbra

Pensão-Coimbra

DAVID SIMÕES DIAS

Rua dos Correiros, 287-3.º — LISBOA
 (COM FRENTE PARA O ROCIO)

Esta casa é situada no centro da cidade junto à estação do Caminho de Ferro e principais agências de vapores, bancos e repartições públicas.

Magníficos comodos com tôdas as condições higiênicas, casa de especial **Preços desde 18\$00** banho e tratamento

O proprietário desta Pensão que explorou vários hotéis em Santos e S. Paulo, presta todos os serviços aos seus hospedes, tais como: despacho de bagagens, recebimento de letras, legalização de documentos, etc.

Dinheiro! Muito Dinheiro!

Só o tem quem jogar na casa das sortes grandes de José Pedro. — R. do Ouro, 203 — LISBOA (350)

Agencia Funerária Capela

— DE —

AMERICO DIAS CAPELA

Esta agencia trata de qualquer funeral desde o mais simples ao de maior pompa, em caixões ou urnas de mogno, em qualquer terra do País e por preços módicos, desde que para tal seja requisitada. Tem sempre em depósito para venda e alugar todos os preparativos que dizem respeito aos mesmos.
 Chamadas pelo telefone Público — ESGUEIRA

PADARIAS

Amassadeiras mecânicas simples, praticas e económicas, Dividoras, Portas para fornos, Cilindros e tôdas as máquinas para a industria de panificação.

Motores eléctricos, Bombas centrifugas, Tráfega e de todos os sistemas e para todos os fins.

Preços e detalhes consulte o representante:

A. J. d'Almeida

R. Almirante Pessanha, 7-2.º

LISBOA — (Ao Carmo) — Telef. 26858

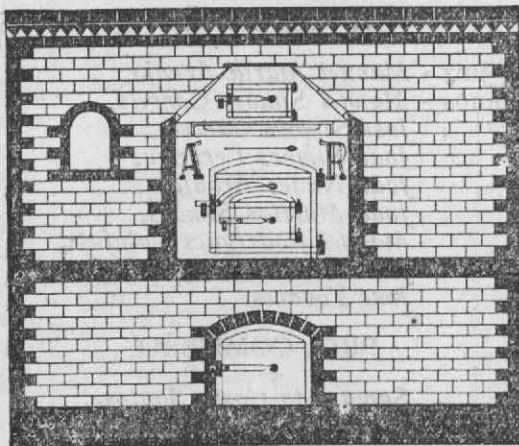
Vendas a pronto e a prestações de 3, 6 e 12 meses. (372)

CONSTRUTORA MODERNA DE PADARIAS

de **Adolfo Kibeiro**

BORRALHA — ÁGUEDA

Construtor de fornos e sobrinho da antiga e acreditada casa de António Ribeiro Lopes.



Encarrega-se deste ramo com a máxima seriedade, incumbindo-se a dia ou de empreitada em fazer fornos para padaria de qualquer sistema, bem assim como fornos para borôa, tendo para isso pessoal habilitado. Executa todos os trabalhos com perfeição e solidês e a preços muito reduzidos sem igual conpetidor. Fornece ferragens para os mesmos, masseiras, taboleiros, pás, etc. Modificam-se fornos antigos para sistema moderno. Pedir sempre orçamentos a Adolfo Ribeiro. (418)

Arvores Frutíferas

Todos os agricultores que desejem adquirir árvores frutíferas, sombra, jardim, floricultas ou florestais, deve dirigir-se ao viveirista sr. Manuel dos Santos Antunes o qual tem para exportação imediata todas as árvores frutíferas e de tôdas as qualidades, as quais são cultivadas sob os serviços fitopatológicos do Ministério da Agricultura. O qual envia catálogos grátis a quem os requisitar.

Manuel dos Santos Antunes

(433) Coenços — Ceira — COIMBRA

Máquinas de costura SINGER

e outras, desde 150\$00 affiançadas (100)

A casa que mais barato vende em todo o País.

Grandes descontos aos srs. revendedores
 Calçada de Santo André, 74 — LISBOA

GRANDE SERRALHARIA

João Bolais Monica

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de serralaria, tais como: moinhos de água, vento e gado, carros volantes, etc. etc. (311)

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das fôças perdidas. Um cálice deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA (261)

Moveis e Decorações

DA FABRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701 — Marquez de Pombal
 (69) Telefone 2640 PORTO

VINHO DO PORTO

Rainha Santa

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:
Rodrigues Pinho (423)
 A' venda em tôda a parte. — GAIA — PORTO

FERIDINA COSTA !!!

Está provado que é hoje o melhor e mais económico remédio que se conhece para a cura de tôdas as doenças da pele, como feridas de qualquer natureza, eczemas, herpes, empigens etc.

PREÇO 5\$00 (244)

Vende-se em todas as farmácias e drograrias e nos depositários:

LISBOA — R. e S. Franco — R. Ascensão, 57-2.º
 PORTO — Castilho & C.ª — R. Sá da Bandeira, 80 e J. A. Oliveira, — St.º Idefonso, 91

Envia-se para toda a parte sem mais despesas. Pedidos ao **Laboratório Costa** — Campia VOUZELA

Oficina de Fogo de Artificio

de — **José Soares Calçada** (239)

Tare de Souto — Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais artísticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc., etc.

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de curar passou. A comichão desaparece com o por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alivios começaram. Medicamento por excelencia para todos os casos de eczema, humido ou sêco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.
 A' venda em tôdas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Ferreira, Ltd.ª

Rua da Prata, 237 — LISBOA (70)

Agencia Funerária

— de —

António M. da Cunha

A casa que à mais de 50 anos se encontra ao serviço da nossa e outras terras, tendo sempre em depósito: Urnas para jazigos e para a terra, caixões modestos e de luxo, armação para igreja e casa, corôas novas e de aluguer, mantos e vestidos, bem assim como todos os acessórios pertencentes à sua arte.



Encarrega-se de funerais em qualquer terra, fazendo trasladações em todo o País.

Funerais prontos à sepultura desde 100\$00.

Chamadas telefónicas para o 2.º posto público.

(437) **Rua da República CACIA**

Os melhores vinhos e petiscos regionais vendem-se na

CASA 'A FERRELÁ'

Rua Manuel Bernardes, 76 — LISBOA